ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

A "ARTE DE FAZER" CURA DE SINHAZINHA VANGICA EM PIRAÍ DO SUL – PR. 1927-1960

Autor: [1]CARNEIRO, Cirlei Francisca Gomes
Autor: [2]OLIVEIRA, Mariani Bandeira Cruz
Apresentador: OLIVEIRA, Mariani Bandeira Cruz

RESUMO - Este tema está articulado aos sistemas de crenças praticadas pelas parteiras e benzedeiras em Piraí do Sul, cujo resgate histórico foi coordenado pelo Projeto "Doença e cura" (CARNEIRO, 2000). Entre as relações de "poder do médico" e do "saber farmacêutico" havia na cidade de Piraí do Sul as "artes de fazer" dos saberes popular. Em 1902, Marcel Mauss colocou que *a arte mágica não gesticulou sempre no vazio, pois tratou materiais, fez experiências reais e até descobertas*, razão pela qual as práticas das parteiras e benzedeiras foram perceptíveis, ao longo da primeira metade do Século XX, no que se refere ao processo de cura de doenças pela terapêutica popular (MILÉO, 2008). Partindo dessa questão observou-se, segundo a metodologia de análise de dados escritos (GLÈNISSON, 1977) e orais (PORTELLI, 2001), uma lacuna na exploração do conhecimento popular, quanto a valorização da dimensão técnica e cognitiva da atividade mágica, compreendida como "arte prática", "uma arte de fazer", situada a meio caminho da ciência e da religião, porque, para a magia "saber é poder". Isto significa que, sendo a magia *mais interessada no concreto, dedica-se a conhecer a natureza* (MAUSS & HUBER, 1974). Esse pensar revela que as "artes mágicas" constituem as técnicas que são o meio material, de que uma sociedade dispõe para agir sobre o seu meio, ou seja: um *compromisso entre a natureza e a humanidade* (MAUSS, 1981) . À luz dessas considerações, portanto, a temática tem por objetivo demonstrar mais uma das representações simbólicas do "saber popular" em Piraí do Sul, que foi "Sinhazinha Vangica". Profunda conhecedora das "artes de fazer" difundiu baseada no sincretismo religioso e na fé as práticas homeopáticas na cura, em especial, de crianças. O período em estudo compreende, 1927, com os trabalhos críticos de Mauss e, 1960, com as "artes práticas" de "Sinhazinha Vangica".

PALAVRAS CHAVE – Antropologia Médica; Remédio Homeopático; Saúde e Doença.

INTRODUÇÃO

> As recentes preocupações da historiografia com a descoberta de "outras histórias" vêm favorecendo os estudos que contemplam a abordagem do cotidiano (MATOS, 2002).

O avanço da Nova História, ao ampliar áreas de investigação e ao possibilitar o questionamento das polarizações em categorias abstratas e universais, influenciou os estudos para a recuperação de experiências de outros setores sócio-científicos: neste caso, a Antropologia da Saúde ou Médica.

A Antropologia Médica Brasileira vem situando-se na interface entre múltiplos saberes como a psicologia, a psicanálise, a filosofia, a história e a sociologia, sendo intermediada pelo significado de outras ciências, dentre elas, a medicina.

Os estudos, portanto, na área da Antropologia da Saúde propiciaram às atividades de extensão (CARNEIRO, 2000) um parâmetro teórico e metodológico com ênfase nas questões direcionadas para as crenças, valores morais e práticas terapêuticas ocorridas cotidianamente na sociedade civil organizada. Nessa perspectiva, as atividades extensionistas desenvolvidas na cidade

[1] Mestre em História do Brasil; Professora do Departamento de História/UEPG; cirleifrancisca@hotmail.com
[2] Acadêmica do Curso de Bacharelado em História/ UEPG; Mariani2006@bol.com.br

paranaense de Piraí do Sul tiveram por preocupação estudar as práticas populares das parteiras e benzedeiras, para a primeira metade do Século XX (MILÉO, 2008).

Assim, nos estudos antropológicos - trabalho de campo - sobre a questão sócio-antropológica da saúde e da doença, segundo a visão das necessidades da população, ocorreu a possibilidade da construção do objeto de investigação em atividades de extensão sobre Sinhazinha Vangica e as "artes mágicas" de cura homeopática.

Explicar, assim, a experiência cotidiana de "Sinhazinha Vangica" através de suas crenças, de seus valores e de suas práticas não médicas permitiu entender que as "artes de fazer" cura no cotidiano das pessoas foram iniciadas já em sua mocidade, porém, mais desenvolvida a partir dos *trabalhos críticos às sociologias do Direito, da Moral e da Religião (MAUSS, 1927)*.

Neste sentido, a partir de biografia/autobiografia essa benzedeira insere-se nos estudos das representações sociais pela via teórica "sócio-antropológica" da doença, pois, *o conhecimento pode ser, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo (LÉVI-STRAUSS, 1972).*

Considerando dessa forma, a disciplina Antropologia Médica (corpo doente/enfermidade) e a Antropologia Social (os valores/ o meio social) vêm sendo analisadas a partir da apropriação do "saber médico" e do "saber popular" numa mesma linha de reflexão de cura da doença.

2. Retraçando a vida de "Sinhazinha Vangica"

Evangelina Marcondes Carneiro também conhecida por "Sinhazinha Vangica ou Dona Vangica" nasceu, em 09 de Setembro de 1879, no espaço rural do Socavão, Distrito do Município de Castro. Era filha de José Marcondes Carneiro e Francisca Marcondes Carneiro. O casal era proprietário da Fazenda Tucum, sendo este coronel um dos representantes legítimos da elite campeira dos Campos Gerais do Paraná, durante o Século XIX[3], pois:

> Obtida a emancipação da Província do Paraná, em 1853, o poder local é inteiramente restituído às classes superiores locais e, especialmente, à classe dos fazendeiros dos Campos Gerais, que passam a exercer o poder político da Província, principalmente através da liderança dos Marcondes e dos Araújos. De fato, a liderança política exercida pelos fazendeiros se processa sob a forma de oligarquias (MACHADO, 1958).

Assim, "Sinhazinha Vangica" era do ramo familiar oligárquico dos Marcondes, pertencente à tradicional sociedade do Século XIX, a qual estava fundada nos latifúndios dos Campos Gerais, com a grande família residindo nas fazendas. O ritmo econômico das fazendas tinha por base o trabalho escravo, sendo que os jovens eram participantes das atividades do tropeirismo[4], nas quais encontravam a sua forma de participação na vida social da Província do Paraná.

Foi no contexto das relações "Senhor e Escravo" que, a jovem Evangelina recebeu cotidianamente a influência da herança cultural africana da cura pela fé, a partir das plantas medicinais. Portadora, então, de um sincretismo religioso "Sinhazinha Vangica" vai carregar durante sua existência essa forma de cura terapêutica.

Nos inícios do Século XX, casou-se com o jovem comerciante de Tropas, Cyrino José Gomes[5], quando passou a assinar o nome de Evangelina Carneiro Gomes. O casal, então, fixou-se na Fazenda do Campo Comprido, no Município de Piraí do Sul. Na condição de matriarca da família, pois, o marido passava a maior parte do tempo viajando como tropeiro, mudou-se para a cidade piraiense, razão pela qual Sinhazinha passou a utilizar os conhecimentos adquiridos quando ainda menina na convivência com a escravaria de seus pais.

Após ter oito filhos: José, Francisca, Cacilda, Maria da Conceição, Levy, Eloá, Alípio e Ruthe dedicou-se ao trato/cuidado da saúde das pessoas que a procuravam. Nessa perspectiva, foi de

---

[3] A família "Marcondes Carneiro" é descendente de Veríssimo Carneiro dos Santos (Capitão de Ordenanças de Paranaguá) e de Rita Maria do Nascimento (Rita da Cancella) propriedade localizada no espaço de Palmeira (Século XVIII) (NEGRÃO, 1928), a qual, atualmente, constitui a Colônia Witmarsum, no Município de Palmeira com uma área total de 7.610 ha (BALHANA, 1958).

[4] O tropeirismo era o movimento das tropas de muares que vinham do Rio Grande do Sul (Viamão) para São Paulo (Feira de Sorocaba).

[5] Cyrino José Gomes nasceu, no dia 07 de outubro de 1877, na Fazenda de São Lourenço, Distrito castrense de Socavão; e, faleceu dia 18 de Junho de 1952, na cidade de Piraí do Sul.

fundamental importância as experiências e sensações adquiridas do cotidiano dos escravos africanos, no que se refere a algumas plantas indispensáveis aos rituais de saúde. Para Sinhazinha Vangica a escola de seu aprendizado foram as manifestações de cura observadas nas crenças e costumes africanas que estavam associadas às práticas de cura natural, assim as questões fisiológicas raramente estão dissociadas da cura espiritual e da concepção de vida e de morte (ALMEIDA, 2000).

Neste sentido, o conhecimento das plantas medicinais estavam sempre presentes no seu cotidiano por meio do uso das folhas e das árvores de várias representações simbólicas, os quais Sinhazinha[6] completou com o dom de desenvolver as práticas e crenças religiosas de benzeção e de medicação. Então, a cura processava-se a partir das propriedades medicinais químicas e/ou farmacológicas da planta, porém, muito especialmente, no poder mágico ou espiritual das "artes de fazer" benzedura. Estas "artes mágicas" estavam baseadas nas plantas de natureza fitofármacos e no uso de plantas para tratar algumas doenças chamada de fitoterapia.

3. Benzedura: os remédios terapêuticos de Sinhazinha Vangica.

Piraí do Sul, da primeira metade do Século XX, era uma cidade do interior paranaense que, em 1940, possuía 10.738 pessoas e, em 1950, passou a contar com 12.099 elementos populacionais (IBGE, 1950). No contexto sócio-médico a população piraiense estava afastada dos grandes centros de saúde do Paraná, que eram Curitiba e Ponta Grossa (MILÉO, 2008), porém, essa cidade paranaense encontrava-se articulada com os acontecimentos ocorridos na conjuntura histórica da República Velha, da política da Era Vargas e da redemocratização do Brasil.

No decorrer desse processo político Sinhazinha Vangica, na condição de moradora ora no espaço rural e ora no urbano de Piraí do Sul, era portadora de uma postura crítica ao acompanhar os movimentos em favor dos avanços científico-culturais ocorridos no Brasil[7] e no Exterior, dentre eles, os debates antropológicos entre os cientistas da medicina a respeito das doenças presentes na população.

Nesse sentido, o cotidiano familiar de Sinhazinha - além da sua preocupação com as concepções dominantes do corpo, saúde e doença construídas na prática médica oficial dominante - era fervilhado pela presença dos viajantes tropeiros, pelas doenças de crianças, pelo perigo eminente da Revolução de Getúlio Vargas, cujos acontecimentos interferiram no comportamento de "bem-estar" de sua família e da população de Piraí do Sul .

Nessa linha de raciocínio, Clarissa Miléo colocou que havia em Piraí do Sul as "relações de compadrio" entre as benzedeiras e os pacientes, e, entre as parteiras e pacientes, porquanto Diva da Silva Rolim, Braselice Ferreira de Mattos, Manoella Zavatti Blassi exerceram as "artes mágicas" de cura através dos saberes da medicina popular (2008).

Esta forma de pensar a medicina popular deve-se a ausência de médicos no Município de Piraí do Sul, os quais chegaram a partir da década de 30, do Século XX, ocorrendo, então, a coexistência das "artes de fazer" cura da medicina popular com as do "saber fazer" cura da medicina científica, com os médicos Eduardo Haj Mussi, Paulo Emílio Guarinello ,José Torres Neto e Elias Avais Netto, além do farmacêutico Bernardo Milléo (MILÉO, 2008).

Entre o "poder médico" (FOUCAULT, 1979) e o "saber farmacêutico" (CERTEAU, 1994) Sinhazinha Vangica desenvolveu as práticas de crenças e valores "populares" ou "alternativos" da medicina ao interpretar as doenças, como: as aflições, as perturbações físico-morais e mentais, mal-estar em crianças, doença do corpo/doença do espírito, mau-olhado, quebranto e susto e outras enfermidades que foram tratadas com plantas naturais e/ou pela homeopatia

Sinhazinha Vangica, de atitude austera[8] atendia o paciente, em qualquer hora do dia e da noite, e conhecedora das propriedades físicas, químicas e organolépticas, primeiramente orava (fé) e, posteriormente, preparava as drogas fitofármacas (manipulação). Entre a "fé e a experiência" utilizava os seguintes ingredientes: acônito, agar, alcachofra, aloe,alpina, amido, arnica, badiana, beladona,

[6] Com a morte do marido Evangelina Carneiro Gomes passou a morar em Ponta Grossa, à Avenida Bonifácio Vilela Nº 14, razão pela qual suas " prática de cura" eram realizadas somente nos meios familiares. Faleceu , nesta cidade, dia 25 de Agosto de 1963.

[7] A formação de Sinhazinha Vangica permitiu que a mesma tivesse contato com os acontecimentos da Semana de Arte Moderna e da Revolução de 30 (MACHADO, 1989).

[8] Sinhazinha ou Dona Vangica era uma mulher de caráter firme e autoritário. E, como uma das representantes de tradicional família paulista instalada no Paraná usava como traje: uma blusa branca e uma saia comprida preta. Assim, *viveu e assim morreu* (IDEM 1989).

canela do ceilão, cáscara sagrada, cólchico, cartaego, digital, estamônio, guaraná, hidraste, ipeca, jaborandi, lobélia, maracujá, quina amarela, quina vermelha, ruibarbo e sene. Como medicamentos fitoterápicos que curavam muitas enfermidades usava: alho, salsa, alecrim, azeite de oliva, hortelã, boldo, coentro, canela e outros.

Então, a partir do conhecimento desses remédios Sinhazinha procurava unir o mágico com as propriedades medicinais efetivas para curar o corpo doente, a chamada homeopatia, assim, manipulada:

> Em uma garrafa de meio litro de água era preparado o remédio composto de beladona, acônito, fósforo com sene, brione para combater a febre de crianças assustadas pelas bichas. Além disso, havia o preparo do acônito, beladona e picaconha que eram 03 misturas chamadas de número 01, para cortar febre de dor de dente..Para cada ingrediente utilizava cinco gotas do remédio homeopático no preparo do remédio ao doente (GOMES, 1950).

Dessa forma, baseada na homeopatia produzida pelo laboratório "Almeida Prado" havia outros tipos de remédios como: krátis, para derrubar lombrigas e sair dentes bons e não dar desinteria na criança, além disso, esse ingrediente era utilizado no chá de folha de laranja para combater a gripe; incenso, preparado no chá de folha de laranja para combater gripe crônica, lombriga, cólica do estômago e friagem no corpo; pulsatilio, era tomado para descer a menstruação, quando a gestante ia ganhar a criança; e, outros formas de manipulação de homeopatia. Por outro lado, com o poder curativo das ervas indicava ao doente o uso:

> da salsa, que tinha a natureza de um diurético, ou seja, contribuía para o funcionamento dos rins e combatia inúmeros tipos de doenças do coração; do alho, para combater vários tipos de inflamação e prevenir trombose, pressão alta e câncer; alecrim, combatia gripes, inflamações, dor de cabeça por má digestão e depressão; azeite de oliva, reduzia o mau colesterol e facilitava a digestão; hortelã, protegia o coração, era eficiente contra a depressão e a ansiedade; boldo, era bom para os problemas do fígado e do estômago e melhoria do humor da pessoa; coentro, era combativo à anemia, cólicas e eliminava bactérias dos alimentos; canela, combatia infecção urinária, cólicas e tosses (GOMES, 1950) .

Neste entender, Sinhazinha Vangica conhecia e identificava os princípios ativos tanto dos remédios de natureza homeopática quanto os de natureza fitoterápica, cujos saberes popular sempre estavam presentes na cura de diferentes doenças, quer de crianças quer de adultos, pertencentes à classe pobre da população de Piraí do Sul. Percebeu-se, ao longo de sua atividade de cura que as "artes de fazer" remédios manipulados só davam resultados positivos quando acompanhados pela oração da benzedura e pela fé do doente.

4. Considerações Finais

Durante a primeira metade do Século XX, a cidade de Pirai do Sul era portadora de uma Estação Ferroviária por onde transitavam os trens da Rede Viação São Paulo - Rio Grande, a qual tinha como trajeto nos Campos Gerais do Paraná as localidades de Jaguariaíva, Joaquim Murtinho, Piraí do Sul, Tijuco Preto, Castro, Fazenda do Boqueirão, Ponta Grossa, Palmeia, atingindo a capital do Estado (Curitiba) e chegando até a cidade de Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul. Era por essa via ferroviária que chegava ao espaço sócio-político piraiense: os homens da política e do comércio, as notícias jornalística, a Revista Cruzeiro e os livros de cunho literário, educacional e científico.

Assim sendo, era esta a forma de transporte e de comunicação da população piraiense - além de até 1930 haver o trânsito terrestre das Tropas de gado vacum, cavalar e muar vindas do Rio Grande do Sul em direção a São Paulo -, razão pela qual Sinhazinha Vangica entrava em contato com os mais diferentes recursos de informações sócio-culturais e científicas paranaense, gaúcha, paulista, carioca e outras.

Era, portanto, típica na veneranda senhora a visão cosmológica sobre as doenças e os males em geral, que podem ser interpretadas com "bençãos-meios". Ou seja, a fé (sincretismo religioso) com o dom da espiritualidade, e, a cura (cuidado antropológico) da doença com sentido de uma nova dimensão da vida, pois "a vida não conhece reversibilidade: ela admite reparações" (CANGUILHEM, 1982).

Na busca da reparação do corpo doente as "artes de fazer" de Dona Vangica foram interiorizadas a partir de suas crenças, de seus valores morais, de seus conhecimentos científicos e de sua espiritualidade, pois, era em Deus que a benzedeira procurava conciliar fé e ciência: assim, ao observar o paciente doente a sua preocupação estendia-se à alma. Isto porque, na homeopatia de Sinhazinha, a doença revelava essas duas formas indivisíveis do organismo, ou melhor, o corpo e o espírito.

Considerando, dessa maneira, os saberes popular de Sinhazinha Vangica foram identificados e cristalizados entre o "poder médico" sobre o corpo doente da elite piraiense e o "saber farmacêutico" de cura de pacientes sem condição financeira. A diferença entre esses dois prestadores de serviços à saúde em Piraí do Sul encontrava eco na medida em que a benzedura dessa Senhora era uma representação social da pobreza material e da riqueza espiritual da população, que vivia na periferia e/ou à margem do "centro histórico" da referida cidade.

Referências

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais e ritualísticas.** Salvador:EDUFA, 2000.

BALHANA, Altiva Pilatti. Colônia Witmarsum. IN: - BALHANA, Altiva Pilatti et al. **Campos Gerais:** estruturas agrárias. Curitiba: UFPr., 1958.

CARNEIRO, Cirlei Francisca Gomes. **Projeto:** Doença e cura: os médicos da memória da população dos Campos Gerais. 1907-1997. Ponta Grossa: DEHIS/PROEX/UEPG, 2000.

CANGUILHEM, G. 2. ed. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **As invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. 7. ed. **Microfísica do poder.**1Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOMES, Evangelina Carneiro. .**Anotações de remédios.** Piraí do Sul: Residência, 1950..

LÉVI-STRAUSS, C **. O pensamento selvagem.** São Paulo. Companhia Nacional, 1972

MACHADO, Anaíde Carneiro. **Entrevista oral.** Castro: Residência, 1989.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Formação histórica. IN: - BALHANA, Altiva Pilatti et al. **Campos Gerais:** estruturas agrárias. Curitiba: UFPr., 1958.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura:** história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MAUSS, M. Divisões e proporções das divisões da Sociologia. IN: - **Ensaios de Sociologia.** São Paulo: Perspectiva, 1927.

MAUSS, M. & HUBERT, H. Esboço de uma teoria geral da magia. IN: - **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EDUSP, 1974.

MILÉO, Clarissa Cobbe. **Relações no processo saúde-doença:** as práticas de cura no Município de Piraí do Sul – Pr (1930-1950). Ponta Grossa: DEHIS/UEPG,2008. (Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em História/UEPG)

NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1926-1950. 6 v.